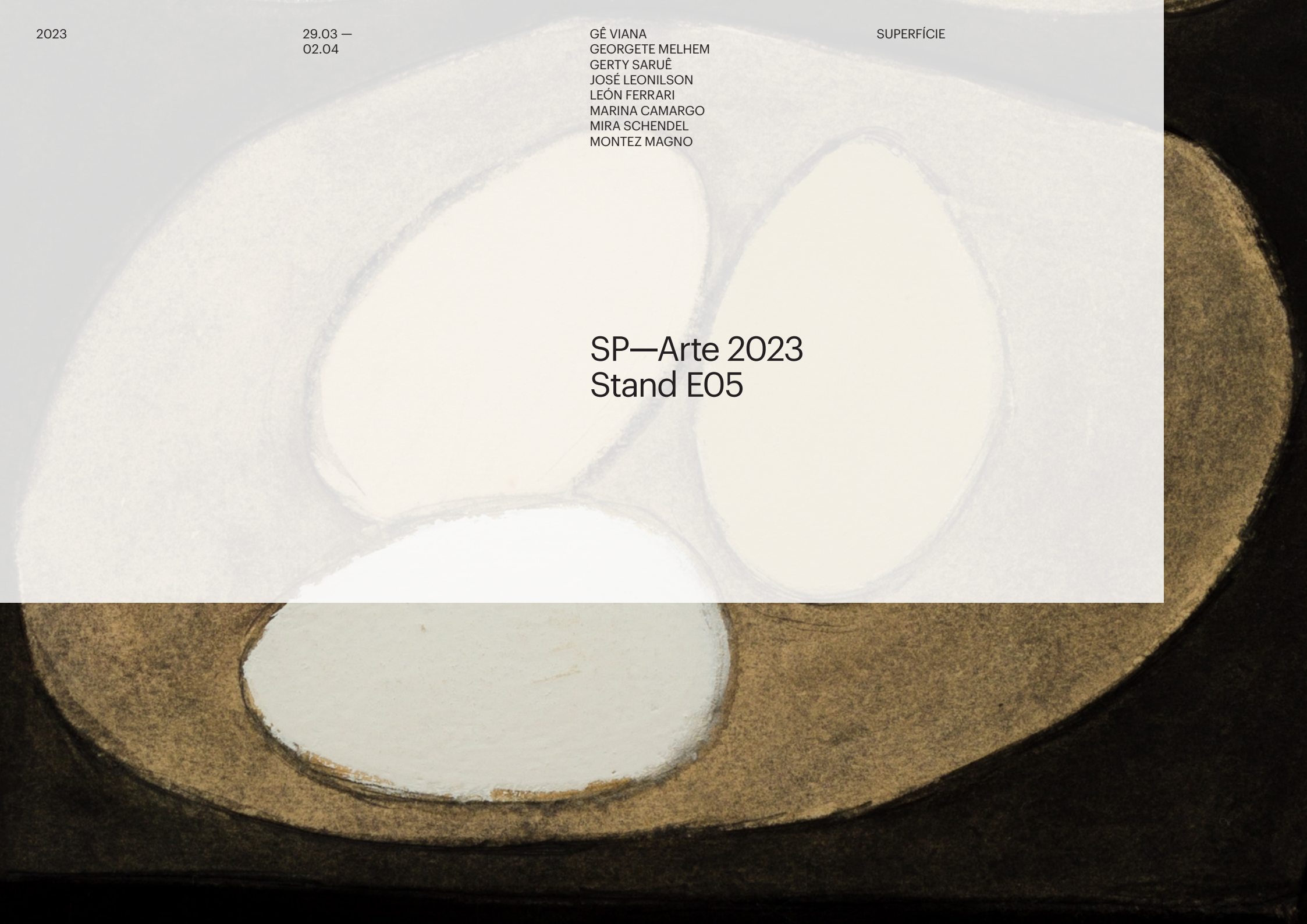
2023

29.03 —
02.04

GÊ VIANA
GEORGETE MELHEM
GERTY SARUÊ
JOSÉ LEONILSON
LEÓN FERRARI
MARINA CAMARGO
MIRA SCHENDEL
MONTEZ MAGNO

SUPERFÍCIE

SP—Arte 2023
Stand E05



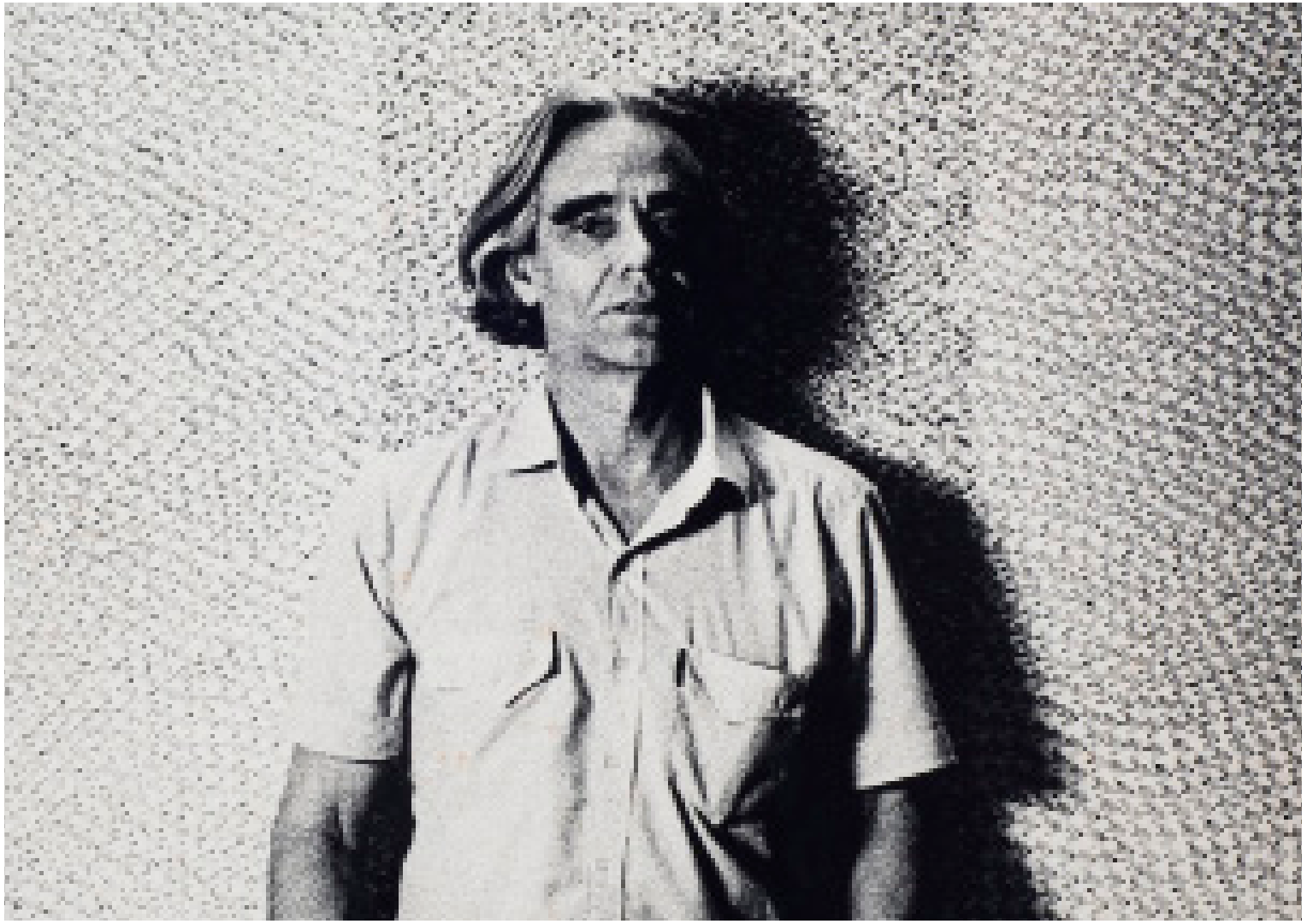
SP—Arte 2023
Stand E05

Visitação
29 e 30 de março | 14h às 20h
31 de março e 01 de abril | 12h às 20h
02 de abril | 11h às 19h

Local
Pavilhão da Bienal
Parque Ibirapuera, portão 3

A Superfície participa da 19ª edição da feira SP-Arte, que acontece no Pavilhão da Bienal, entre os dias 29 de março e 2 de abril. A galeria apresenta uma seleção de obras de seu repertório — José Leonilson e Mira Schendel —, bem como trabalhos de três recentes representações: as colagens manuais de Gê Viana; desenhos de Gerty Saruê e uma escultura de Marina Camargo. Para compor o Stand E05 a Superfície traz ainda trabalhos de León Ferrari, Georgete Melhem e Montez Magno. A criteriosa escolha das obras espelha o trabalho que a galeria vem exercendo no mercado nos últimos anos: desenvolvendo a carreira de artistas contemporâneos e emergentes, ao mesmo tempo em que se debruça sobre artistas históricos, em especial os que atuaram em torno dos anos 1970.

León Ferrari



León Ferrari 1984

León Ferrari

Sem título, 1984
Pastel a óleo sobre placa de madeira
40 × 67 cm

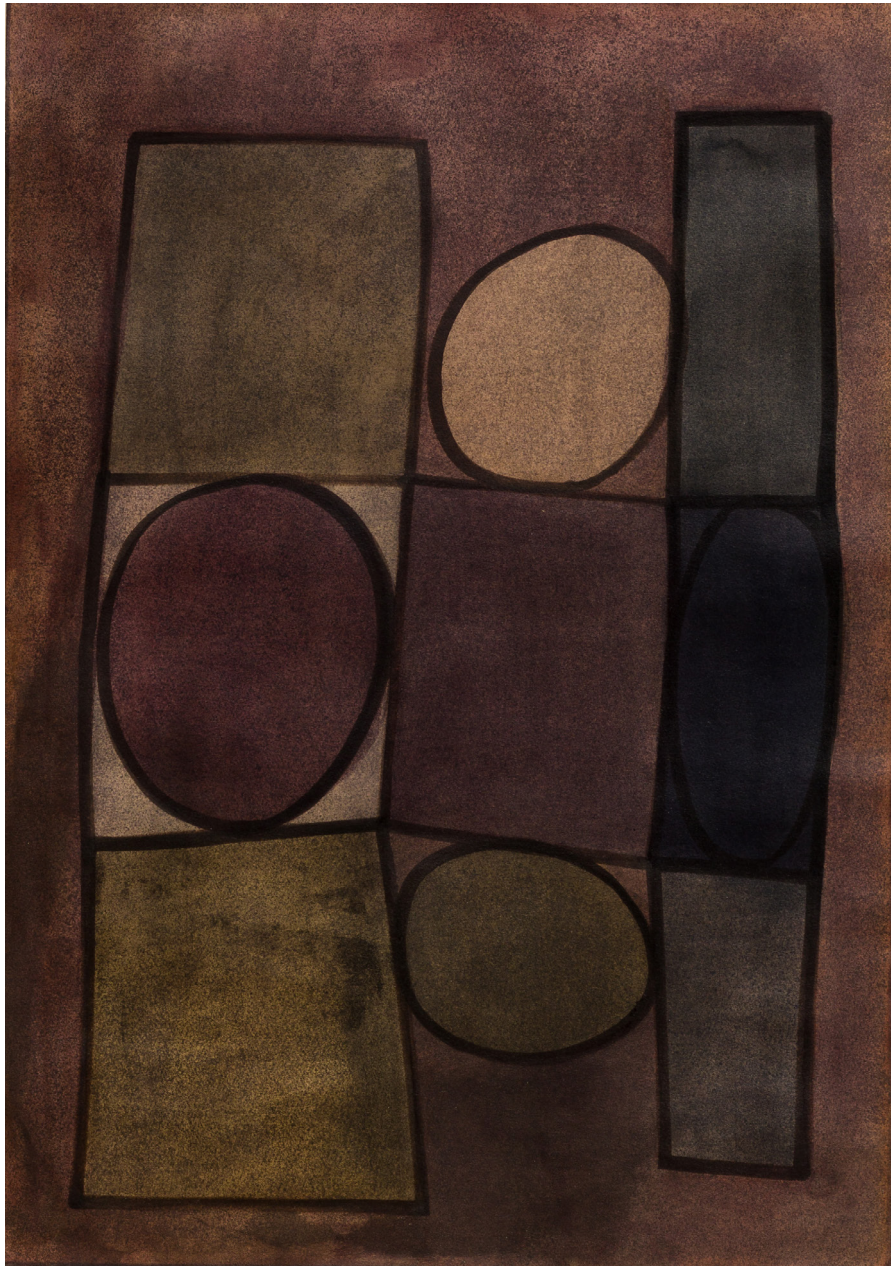
Mira Schendel

Desenhista, pintora e escultora, Mira Schendel muda-se para Milão, Itália, na década de 1930, onde estuda arte e filosofia. Abandona os estudos durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Estabelece-se em Roma em 1946, e em 1949 obtém permissão para mudar-se para o Brasil. Fixa residência em Porto Alegre, onde trabalha com design gráfico, faz pintura, escultura de cerâmica, poemas e restauro de imagens barrocas, assinando seu nome de casada Mirra Hargesheimer.

Sua participação na 1ª Bienal Internacional de São Paulo, em 1951, permite contato com experiências no exterior e a inserção na cena nacional. Dois anos depois muda-se para São Paulo e adota o sobrenome Schendel. Durante a década de 1960 realiza desenhos em papel de arroz. Em 1966, cria a série Droguinhas, elaborada com papel de arroz retorcido e trançado, que é apresentada em Londres, na Galeria Signals, por indicação do crítico de arte Guy Brett (1942). Nesse ano, passa por Milão, Veneza, Lisboa e Sttutgart. Conhece o filósofo e semiólogo Max Bense (1910– 1990), que contribui para a realização de sua exposição em Nurembergue, Alemanha, e é autor do texto do catálogo da mostra. Em 1968 começa a produzir obras utilizando acrílico, como Objetos Gráficos e Toquinhos. Entre 1970 e 1971, realiza um conjunto de 150 cadernos, desdobrados em várias séries. Na década de 1980, produz as têmperas brancas e negras, os Sarrafos e inicia uma série de quadros com pó de tijolo. Após sua morte, muitas exposições apresentam sua obra dentro e fora do Brasil e, em 1994, a 22ª Bienal Internacional de São Paulo lhe dedica uma sala especial. Em 1997, o marchand Paulo Figueiredo doa grande número de obras da artista ao Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Mira Schendel

Sem título, 1954
Guache sobre papel
25 × 19 cm



Mira Schendel

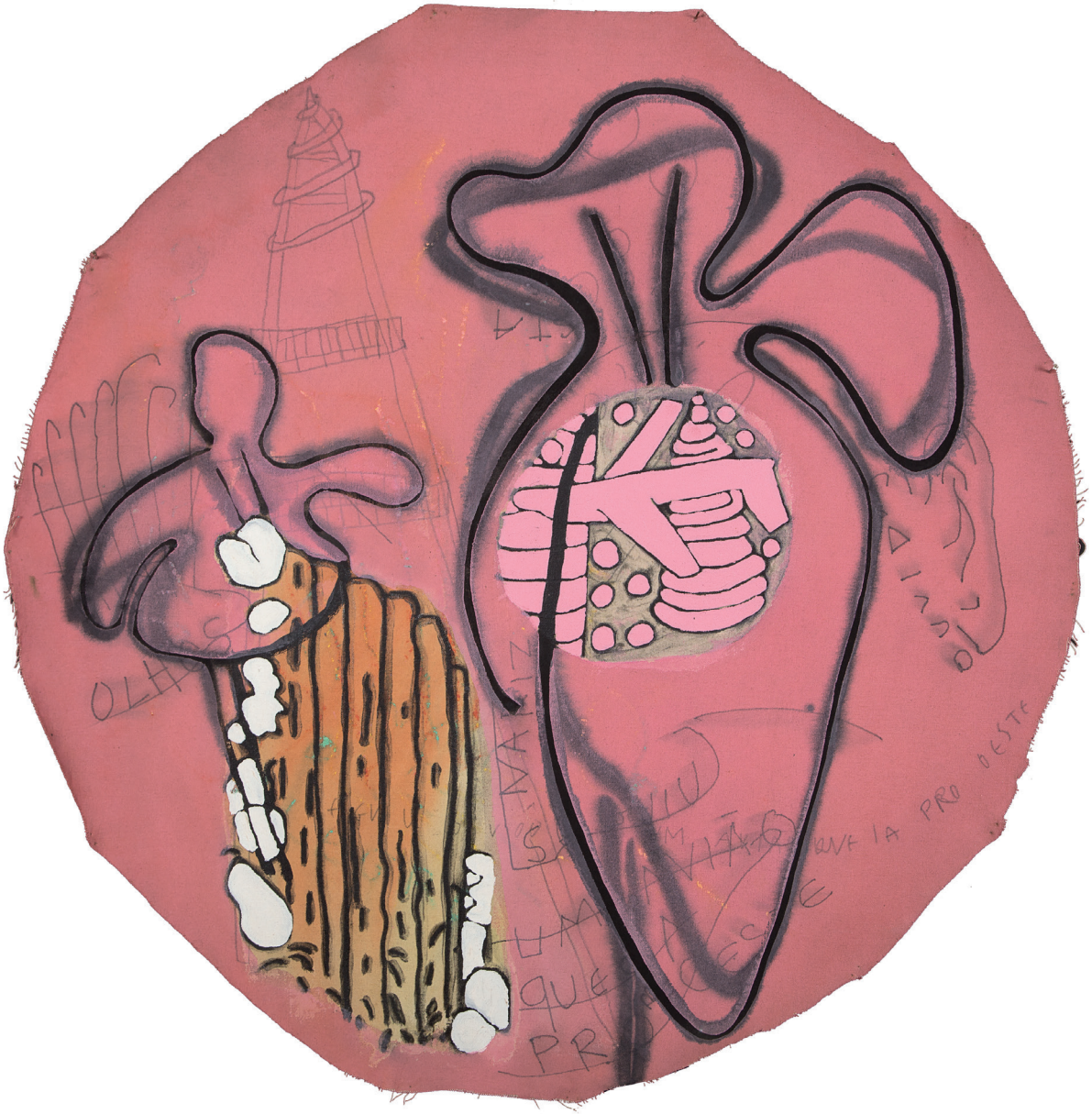
Sem título, 1975
Têmpera sobre cartão
61 × 46 cm

José Leonilson

José Leonilson Bezerra Dias (Fortaleza, Ceará, 1957 – São Paulo, São Paulo, 1993). Pintor, desenhista, escultor. Em 1961, muda-se com a família para São Paulo. Entre 1977 e 1980, cursa educação artística na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), onde é aluno de Julio Plaza e Nelson Leirner. Tem aulas de aquarela com Dudi Maia Rosa na escola de artes Aster, que frequenta de 1978 a 1981. Nesse último ano, em Madri, realiza sua primeira individual na galeria Casa do Brasil e viaja para outras cidades da Europa. Em Milão, tem contato com Antonio Dias, que o apresenta ao crítico de arte ligado à transvanguarda italiana Achille Bonito Oliva.

Retorna ao Brasil em 1982. A obra de Leonilson é predominantemente autobiográfica e está concentrada nos últimos dez anos de sua vida. Segundo a crítica Lisette Lagnado, cada peça realizada pelo artista é construída como uma carta para um diário íntimo. Em 1989, começa a fazer uso de costuras e bordados, que passam a ser recorrentes em sua produção.

Em 1991, descobre ser portador do vírus da AIDS e a condição de doente repercute de forma dominante em sua obra. Seu último trabalho, uma instalação concebida para a Capela do Morumbi, em São Paulo, em 1993, tem um sentido espiritual e alude à fragilidade da vida. Por essa mostra e por outra individual realizada no mesmo ano, recebe, em 1994, homenagem póstuma e prêmio da Associação Paulista de Críticos de Artes (APCA). No mesmo ano de sua morte, familiares e amigos fundam o Projeto Leonilson, com o objetivo de organizar os arquivos do artista e de pesquisar, catalogar e divulgar suas obras.



José Leonilson

Um avião indo pro oeste, 1988
Tinta acrílica e lápis de cor sobre lona
104 × 103 cm

José Leonilson

Sem Título, 1986
Acrílica e alinhavo sobre lona recortada
58 × 155 cm

Marina Camargo

Nascida em Maceió, Marina Camargo concluiu bacharelado e mestrado em Artes Visuais no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Sua pesquisa sempre esteve marcada por uma noção expandida de desenho, na qual imagem e pensamento se constituem mutuamente. Foi com a mudança para Barcelona, onde estudou Cultura Visual na Universitat de Barcelona, que temáticas relacionadas à cartografia e ao deslocamento passaram a ser recorrentes em seu trabalho.

Para a artista, a representação cartográfica de espaços é um modo de pensar sobre as ordens do mundo: as diversas narrativas históricas, econômicas, políticas e sociais formam mapas de naturezas distintas. Apesar de serem baseados em dados da realidade, eles carregam sentidos que extrapolam a precisão científica. Marina Camargo verte a representação do mapa fazendo uso de diversas mídias e suportes—ora em instalações tridimensionais em borracha ou em metal, ora na forma de desenhos, fotografias, ampliações ou pinturas—, ultrapassando qualquer dimensão objetiva da cartografia.

Interessa-lhe mais a falha dessas representações, aquilo que permanece incompleto nos relatos do mundo; são vestígios da representação do espaço, ruínas dos tempos históricos que marcam os espaços e lugares habitados. Mapas que são marcados por narrativas e textos contados sem palavras, mas articulados por um vocabulário próprio. Todo mapa é feito de invenção, todo mapa guarda uma dimensão narrativa que o aproxima de uma ficção.

Marina Camargo

Modelo geométrico de planos mutáveis, 2021
Latão
35,5 × 35,5 × 35,5 cm

Gê Viana

Gê Viana nasceu em Santa Luzia, Maranhão, em 1986, mas vive e trabalha em São Luís. Formada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), a artista produz colagens e fotomontagens, analógicas e digitais, inspiradas em acontecimentos da vida familiar e do cotidiano, confrontando a cultura colonizadora hegemônica e os sistemas de arte e comunicação.

A partir de um encontro com Lívia Aquino, pesquisadora do campo das artes visuais, Gê Viana passa a fazer uso da 'imagem precária' e dos meios de apropriação de fotos históricas. Sobre sua produção, ela comenta: "Criar um caminho na arte hoje parte da ideia de denúncia, lançando mão das categorias estéticas. Penso no legado deixado pelos fotógrafos que denunciaram em cliques o cotidiano das grandes metrópoles, guetos e povos tradicionais. As imagens de arquivo que trago são imagens que ainda carregam um trauma histórico do nosso povo, então pensei num modo de apropriação para trazer outras narrativas, que trabalhem possibilidades mais felizes, pois sinto que nossa felicidade está em risco."

GUERREIRAS DAS ILHAS DO MAR DO SUL

Gê Viana

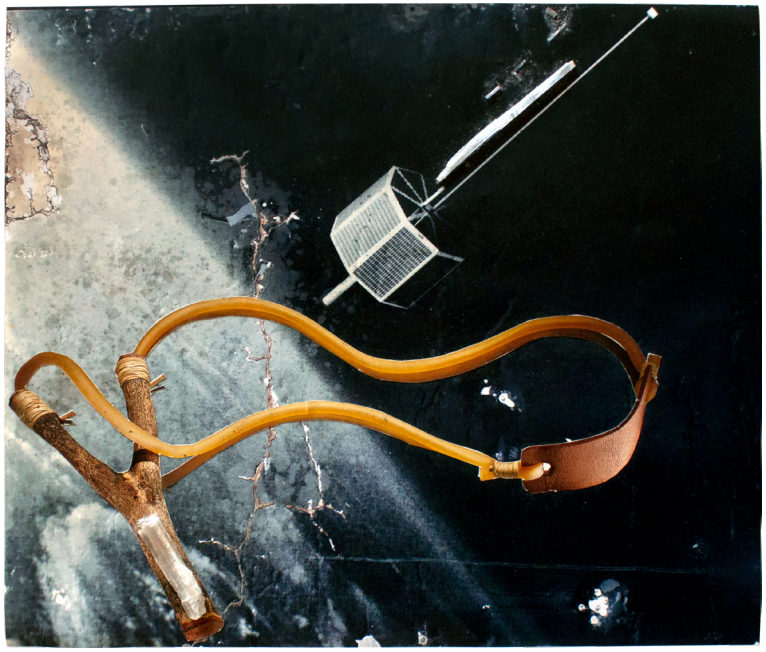
Sobreposições da história, 2019
Fotografia e cristal sobre ráfia
143 × 84 cm

Gê Viana

Sem Título, da série *Hora Grande*, 2020
Colagem sobre fotografia
59,5 × 29 cm

Gê Viana

Sem Título, da série *Hora Grande*, 2020
Colagem sobre fotografia
20,5 × 27,5 cm



Gê Viana

Sem Título, da série *Hora Grande*, 2020
Colagem sobre fotografia
20 × 24 cm

Montez Magno

Montez Magno

Um lance de dados, 1973
Nanquim sobre fotografia
59,5 × 49,5 cm

Montez Magno

Outono, 1973
Madeira, vidro, nanquim e folhas secas
72 × 64 cm

Galeria Superfície
Rua Oscar Freire 240
01426 000
São Paulo – SP
Brasil
t + 55 11 3062-3576

www.
galeriasuperficie.
com.br

REALIZAÇÃO
Galeria Superfície

DIREÇÃO
Gustavo Nóbrega

PRODUÇÃO
Julia Lara Lima
Tiê Higashi

IMAGENS
Acervo Galeria Superfície

VENDAS
Gustavo Nóbrega
gustavo@galeriasuperficie.com.br

Tiê Higashi
tie@galeriasuperficie.com.br

INFORMAÇÕES
info@galeriasuperficie.com.br

Superfície